

O MARAVILHOSO COMO MUNDO (FICCIONAL) POSSÍVEL

LO MARAVILLOSO COMO MUNDO (FICCIONAL) POSIBLE

THE “WONDERFUL” AS (FICTIONAL) POSSIBLE WORLD

Jairo Dias Carvalho

Professor da Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: jairodc_8@hotmail.com

Natal (RN), v. 20, n. 34
Julho/Dezembro de 2013, p. 217-237

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109

Resumo: O presente artigo pretende mostrar uma interpretação do “maravilhoso” à luz da poética dos mundos possíveis. Compreende o maravilhoso, não como um gênero literário, mas como uma noção primitiva de ordem de mundo possível. O mundo ficcional maravilhoso é um tipo de mundo possível e sua compreensão depende da elucidação de sua macroestrutura modal de ordem como vamos mostrar.

Palavras-Chave: Mundos ficcionais maravilhosos, Poética dos mundos possíveis, Leibniz, Mundos possíveis.

Resumen: El presente artículo pretende mostrar una interpretación de lo ‘maravilloso’ a la luz de la poética de los mundos posibles. Comprende lo maravilloso, no como un género literario, sino como una noción primitiva de orden de mundo posible. El mundo ficcional maravilloso es un tipo de mundo posible y su comprensión depende de la elucidación de su macro-estructura modal de orden, como mostraremos.

Palabras clave: Mundos ficcionales maravillosos, Poética de los mundos posibles, Leibniz, Mundos posibles.

Abstract: This paper aims to show an interpretation of "wonderful" from the perspective possible worlds. It will understand "wonderful", not as a literary genre, but as a primitive notion of possible world order. The fictional wonderful world is a type of possible world and depends of the elucidation of its modal order macrostructure, as we will show.

Keywords: Wonderful fictional worlds, Poetics of all possible worlds, Leibniz, Possible Worlds.

Pensamos a literatura e a arte a partir do que se chama hoje “Poética dos mundos possíveis”. Este paradigma estético e poético está baseado numa determinada compreensão da filosofia de Leibniz e pode ser anunciado sucintamente da seguinte maneira: quando um escritor constrói uma ficção ou um mundo ficcional este é um tipo de mundo possível. Para esta concepção, na esteira de Baumgarten, que afirma “observamos que o poeta é como um demiurgo ou um criador; logo, o poema deve ser, por assim dizer, um mundo” (Baumgarten, 1993, p.37), o artista é um inventor de cosmos. O escritor inventa um pequeno universo que serve de referência para a existência de uma fábula ou história. Baumgarten dizia sobre as viagens de Ulisses: “Ou estes fatos famosos aconteceram em nosso mundo ou a fábula criou um novo mundo para suas viagens”. (Baumgarten, 1993, p.131). Os mundos ficcionais devem ser compreendidos como possuindo estruturas de mundos possíveis. Tratar o mundo ficcional como um tipo de mundo possível é a principal categoria da filosofia da arte dos mundos possíveis. Como se postula que há infinitos mundos possíveis haverá também infinitos tipos de mundos ficcionais. Nosso objetivo nesse texto é interpretar o maravilhoso como um tipo de ordem de mundo possível e não como um gênero literário. Contemporaneamente uma ordem de mundo possível é chamada de macroestrutura modal de ordem de um mundo ficcional.

A noção de mundos possíveis foi posta em cena através da reflexão acerca da natureza e estatuto da noção de ficção feita pela teoria literária a partir da apropriação do instrumental da chamada teoria semântica dos mundos possíveis da filosofia analítica. Os

elementos deste debate giram em torno de saber qual seria o melhor enfoque para dar conta da realidade e estatuto ontológico da ficção, sobre qual seria o valor de verdade em literatura e sobre quais seriam as relações entre mundo ficcional e mundo atual. O problema da ficção, segundo Dolezel¹, foi pensado principalmente, a partir da noção de *mimesis*. Dolezel chama esta corrente de semântica mimética. A principal ideia desta corrente é que as entidades ficcionais derivam da realidade, elas são imitações ou representações de entidades que existem realmente, ou seja, a ficção se refere de alguma maneira à realidade e a literatura é uma espécie de duplicação dela. O movimento básico desta interpretação é assinalar a uma entidade ficcional um protótipo real. O particular ficcional representaria um particular real. Esta função proporcionaria uma semântica referencial da ficcionalidade. Ao combinar um elemento ficcional com uma réplica real ela assinalaria referentes aos termos ficcionais. Mas para Dolezel quando não encontrarmos o protótipo ao qual assinalar a correspondência, quando se torna impossível encontrar elementos reais por trás das entidades ficcionais, então, a teoria mimética considera os particulares ficcionais como representações de universais reais, tipos psicológicos, grupos sociais, condições existenciais ou históricas. O particular ficcional representaria, assim, o universal real. O problema, para Dolezel, é que a ficção se converteria em uma linguagem sem particulares. Para ele a semântica ficcional mimética somente explicaria aquelas entidades ficcionais, que pudessem ser colocadas par a par com protótipos reais. Mas se insistirmos em interpretar todas as entidades ficcionais como representantes de entidades reais, seremos forçados a uma interpretação universalista que suprimirá os particulares ficcionais. E se mantivermos os particulares ficcionais, eles só serão explicados como representações de entidades reais se forem considerados como preexistentes. Mas para Dolezel o mundo real não é o domicílio dos

¹ In *Heterocosmica: Ficción y mundos posibles*. Trad. Félix Rodríguez. Madrid: Arcos Livros, 1999. A seguir fornecemos uma síntese e um resumo, seguidos de comentários de suas formulações expressas principalmente no prólogo intitulado *De las entidades inexistentes a los mundos ficcionales* (Dolezel, 1999, p. 13-54)

particulares ficcionais e o modelo da semântica da ficcionalidade de mundo único é incapaz de explicá-los.

Dolezel defende que o mundo atual não é o fundamento e o ponto de referência inevitável de qualquer construção artística. Para ele não há somente um universo legítimo do discurso ou um único domínio da referência que seria o mundo real. Dolezel pretende substituir o marco do mundo único da semântica mimética da ficção pelo de mundos múltiplos baseada na semântica dos mundos possíveis. Ele desenvolve uma semântica construtiva literária, no marco de um modelo de múltiplos mundos possíveis negando a versão da existência de um único mundo. Dolezel defende uma literatura antimimética e por isso utiliza o conceito de mundos possíveis. Cada obra literária instaura um mundo possível. Há, para ele, uma identidade entre os mundos textuais, narrativos, ficcionais produzidos pela literatura e o conceito de mundos possíveis. Isto significa uma crítica às teorias da ficcionalidade que afirmam que as ficções são imitações ou representações do mundo verdadeiro ou real, o que faz com que o universo ficcional seja reduzido ao modelo de um mundo único. A noção de mundo possível ou mundo ficcional permite a descrição dos universos textuais como realidades autônomas, não necessariamente vinculadas ao mundo atual. Dolezel pretende oferecer uma alternativa à doutrina da *mimesis* a partir do que chama da semântica da ficcionalidade dos mundos possíveis negando o caráter mimético da criação de ficções.

Dolezel apresenta uma tese sobre uma teoria da ficcionalidade que se inspira na semântica dos mundos possíveis, mas evita a identificação dos mundos ficcionais da literatura com os mundos possíveis desta lógica. Ele matiza o conceito para dar conta dos mundos criados pela literatura fazendo ajustes na concepção dos mundos possíveis da semântica lógica. A principal é que sendo os mundos possíveis, para esta filosofia, maneiras diferentes que nosso mundo poderia ter sido, entidades hipotéticas postuladas para falar sobre as diversas maneiras diferentes que o universo poderia ter sido, eles seriam universos completos que difeririam de uma maneira ou de outra do universo real. Os mundos possíveis da semântica lógica seriam situações totais ou maximamente gerais, somas de possibilidades máximas, coerentes e completamente determinados e ordenados temporalmente. Mas, para Dolezel os

mundos ficcionais da literatura são mundos possíveis incompletos, o que os distingue dos mundos possíveis e do mundo atual. Este caráter de incompletude significa a ausência de carências informativas referentes a todos os aspectos do mundo ficcional.

Mas a semântica literária dos mundos possíveis fez ajustes também na posição de Leibniz. A principal é que os mundos possíveis não possuem existência transcendental na mente divina. Eles não são descobertos por um intelecto ou imaginação excepcionais, mas construídos e estipulados pelas atividades criativas. Os mundos possíveis são frutos da atividade textual. Dolezel se separa da concepção leibniziana dos mundos possíveis como realidades que se descobrem e, que, portanto, são preexistentes, para assinalar que são construídos. Os mundos possíveis narrativos existem graças aos textos, eles não são anteriores ao ato de criação e o autor não se limita a descrevê-los, mas em inventa-los. Os mundos possíveis da ficção literária são artefatos estéticos produzidos, conservados e mantidos em circulação por meio dos textos ficcionais construídos pela composição poética.

Dolezel propõe um conjunto de características sobre a natureza dos mundos possíveis ficcionais produzidos pela literatura. A primeira é a afirmação de que os mundos ficcionais são conjuntos de estados possíveis de coisas. A natureza dos seres, objetos e moradores que povoam os mundos possíveis da ficção são independentes do mundo atual. Dolezel sustenta que os particulares ou indivíduos ficcionais não representam indivíduos ou universos atuais, mas possíveis não atualizados. Os seres de ficção são possíveis não atualizados. O que permite aceitar o conceito de particular ficcional sem dificuldade já que não haveria necessidade de encontrar uma referência no mundo atual para representá-lo. Uma personagem é uma pessoa possível que habita um mundo ficcional. Os particulares ficcionais não são tipos, personagens-tipo, mas possíveis sem existência real já que são dependentes do texto ficcional. Os indivíduos ficcionais não dependem de protótipos reais para sua existência. Eles são versões, réplicas possíveis, que designam as diferentes aparências descritivas de um mesmo indivíduo em mundos possíveis diferentes.

Outra característica é a afirmação de Dolezel de que os mundos possíveis ficcionais são macroestruturas constituídas por um número finito de particulares possíveis derivada da afirmação de que o conjunto dos mundos ficcionais é ilimitado e muito diverso e variado. Se os mundos ficcionais podem ser interpretados como mundos possíveis, a literatura não estaria confinada a imitar um mundo, já que o possível é mais amplo e extenso que o real. Dolezel diz que, embora, Leibniz tenha imposto uma restrição lógica aos mundos possíveis, a de que as coisas possíveis são aquelas que não implicam contradição e, portanto, os mundos que implicassem contradições seriam impossíveis, impensáveis e vazios, sua filosofia deixou aberta a variedade de seus desenhos. Leibniz dizia que haveria diversas leis ou ordens gerais diferentes para diversos mundos possíveis. As leis do mundo real ou leis naturais não seriam senão um exemplo ou caso especial de muitas ordens gerais possíveis, válidas nos mundos fisicamente possíveis. Cada ordem geral controlaria a entrada de componentes no mundo e somente se admitiriam aqueles que a cumprissem e se ajustassem a ela. A ordem geral de um mundo possível o determinaria ao funcionar como uma constrição sobre a admissibilidade do que e quem entra neste mundo. Assim, se estabeleceria uma correlação entre a ordem do mundo e a compossibilidade dos indivíduos. As leis do mundo real ou leis naturais não seriam senão um exemplo ou caso especial de muitas ordens gerais possíveis, válidas nos mundos fisicamente possíveis. Haveria, portanto, muitos universos possíveis, cada um deles com uma coleção de compossíveis.

Dolezel retoma o que Leibniz dizia sobre a existência de uma infinidade de mundos possíveis e de uma infinidade de leis, e que algumas seriam próprias de um, outras de outro e nos quais os indivíduos possíveis destes mundos encerrariam em suas noções as leis do seu mundo. Os mundos poderiam, assim, diferir do mundo real, não somente contrafactualmente, no número e quantidade de seus elementos, mas também qualitativamente. Outros mundos poderiam ter outras leis de movimento. Toda lei causal, não a causalidade em si mesma, poderia ter sido distinta e poderia ser expressa em determinado mundo ficcional.

Portanto, para Dolezel, “mundo ficcional” é um pequeno mundo possível, moldado por limitações globais concretas, que

conteriam um número finito de indivíduos compostíveis. Um mundo ficcional se apresenta como um conjunto de particulares ficcionais compostíveis caracterizados por determinada organização global e macroestrutural. Cada concepção macroestrutural dos mundos fictícios impõe constrangimentos globais sobre estes mundos ficcionais produzindo uma variedade de tipos de mundos. As limitações globais dariam formas a diferentes mundos: seja a forma de um mundo natural, seja a de um mundo fantástico, seja de um mundo maravilhoso. É esta concepção que permite pensar o maravilhoso como um tipo de mundo possível ficcional.

A diversidade dos mundos ficcionais será, então, consequência da multiplicidade de leis ou ordens características dos diferentes mundos possíveis. Cada ordem de um mundo específico funcionará como uma prevenção sobre o que seria admissível neste mundo. Somente entidades que cumprissem a ordem geral seriam admitidas neste mundo. Cada ordem dos mundos ficcionais ou narrativos, enquanto macroestrutura é, então, construída por meio de restrições globais a partir do que Dolezel chama de macro-operação. Trata-se de uma operação formativa que modela os mundos narrativos em ordenamentos determinados. Interpretamos a lei geral de ordem que Leibniz pressupõe para cada mundo como efeito daquela macro-operação formativa. Para Dolezel, as modalidades são os principais fatores formadores de mundos. As modalidades aléticas da possibilidade, impossibilidade e necessidade determinariam, assim, as condições fundamentais dos mundos ficcionais, em especial a causalidade, a temporalidade, o espaço e capacidade de ação das pessoas. Por isso, para criar um mundo ficcional o artista parte do que podemos chamar de “noção de primitiva” de mundo ou de ordem primitiva de mundo ou macroestrutura modal de ordem. A ideia de uma noção primitiva de mundo advém da filosofia de Leibniz e é apropriada por nós para pensarmos a noção de uma macroestrutura de ordem de um mundo ficcional, concebida por Dolezel. Cada mundo ficcional, sendo um tipo de mundo possível, possui uma noção de ordem primitiva que o estrutura como um todo. Para Leibniz os mundos possíveis possuem diferentes ordens primitivas que os configuram. O fato de possuir uma ordem é exatamente o que torna um mundo, possível. Existem diferentes tipos de ordem ou noções ou noções primitivas

constituintes dos mundos ficcionais. Na noção primitiva de mundo devem estar presentes os constrangimentos gerais, lógicos, físicos e históricos que determinam a configuração do mundo. A noção primitiva é a noção geradora do mundo. É o núcleo em torno do qual o mundo nasce e se desenvolve.

Todo mundo ficcional enquanto obra de arte é a construção de um universo que funciona como macroambiente para o que existe e se passa nela. Os elementos de uma obra ficcional existem sempre em um universo projetado e construído na obra. Identificamos mundo ou universo ficcional como um tipo de mundo possível, como possuindo uma macroestrutura de mundo possível. Compreender uma estrutura de mundo possível é compreender o universo ficcional construído para a existência dos indivíduos e acontecimentos ficcionais.

Portanto, nesta perspectiva, numa obra de arte deve-se buscar a noção primitiva de mundo, pois será ela que produzirá a completa inteligibilidade do seu mundo. Ela é aquilo que dita a ordenação das possibilidades em um mundo ou sua distribuição. Cada mundo opera com uma determinada ordenação de possibilidades e por isso cada um é uma ordenação em geral daquilo que nele pode ocorrer ou não. Ordenar os possíveis é definir a possibilidade e impossibilidade em geral das relações em um sistema. Uma noção primitiva de mundo, portanto, é aquilo que permite ordenar um sistema de correlações entre possibilidades. Assim, a filosofia de Leibniz fornece uma determinada matriz de ordem de mundo que utilizamos para pensar o conceito de mundo ficcional. A partir da matriz leibniziana de ordem de mundo é possível conceber diferentes tipos de macroestruturas de mundos possíveis e conseqüentemente de universos ficcionais.

Interpretamos a categoria do maravilhoso como determinada macroestrutura de um mundo possível ficcional. O mundo ficcional maravilhoso é um tipo de mundo possível. O maravilhoso é um tipo de ordem geral de mundo. Chamaremos esta ordem primitiva de macroestrutura, de macroestrutura de mundo possível. O maravilhoso não expressa um gênero, mas um tipo de ordem de mundo possível. Para pensarmos que tipo de mundo possível é o mundo maravilhoso, ou, que tipo de ordem ou macroestrutura ele possui precisamos de mais algumas formulações de Leibniz.

A matriz leibniziana de ordem de mundo possível possui os seguintes componentes: uma noção primitiva de ordem que constitui um universo, a proibição da inviolabilidade desta ordem para os componentes do mundo, e, portanto, a conformidade dos membros deste mundo esta lei de ordem e a existência de dois tipos de eventos em um mesmo mundo, o que determina a existência de ordens modais heterogêneas e requer a existência de uma ordem que as integre (e como consequência a ideia de que há diferentes maneiras de conjugar as ordens heterogêneas). As ideias de integração das ordens heterogêneas em uma ordem superior, de inviolabilidade desta ordem superior e de compossibilidade interna geram uma tipologia de universos ficcionais. Para compreendermos os mundos ficcionais maravilhosos focaremos neste último componente. Leibniz diz que:

Não é tanto porque Deus resolveu criar este Adão que resolve (criar) todo o resto, mas que, tanto a resolução que toma a respeito de Adão quanto aquela que toma a respeito de todas as coisas particulares, é uma consequência da resolução que toma a respeito de todo o universo e dos principais desígnios que determinam a noção primitiva e estabelecem esta ordem geral e inviolável à qual tudo é conforme, sem que precise se excetuar os milagres, que são sem dúvida conforme aos principais desígnios de Deus, mesmo que as máximas particulares, que chamamos de leis natureza não sejam sempre observadas (Leibniz, 1993, p.108).

Havia uma infinidade de maneiras possíveis de criar o mundo segundo os diferentes desígnios que Deus podia formar e cada mundo possível dependeria de alguns desígnios principais ou fins de Deus que lhes são próprios, quer dizer, de alguns decretos livres primitivos concebidos sob a relação da possibilidade, ou leis de ordem daquele dos universos possíveis, ao qual eles convêm e donde eles determinam a noção e as noções de todas as substâncias individuais, que devem entrar no mesmo universo. Tudo estando dentro da ordem, inclusive os milagres, mesmo que sejam contrários a algumas máximas subalternas ou leis da natureza (Leibniz, 1993, p.116-7).

Para Leibniz os milagres são conformes aos principais desígnios de Deus, mesmo que as máximas particulares chamadas de leis da natureza não sejam sempre observadas. Os milagres e as operações extraordinárias de Deus estão dentro da ordem, mesmo

que sejam contrários a algumas máximas subalternas ou leis da natureza. Leibniz diz que:

Os milagres e as operações extraordinárias de Deus estão na ordem geral e se encontram em conformidade aos principais desígnios de Deus, que estão encerrados na noção deste universo. Tudo isso se deve entender da ordem geral, dos desígnios de Deus, da sequência desse universo, da substância individual e os milagres atuais e possíveis. Por que um outro mundo possível teria também isso à sua maneira, mesmo que os desígnios do nosso tenham sido preferidos (Leibniz, 1993, p.107)

No *Discurso de Metafísica* (Leibniz, 1993, p.41-42) é dito que Deus nada faz fora da ordem, que as vontades e ações divinas se dividem em ordinárias e extraordinárias e mesmo assim elas estão submetidas a uma ordem mais geral que as integra em um todo. Leibniz dizia que as vontades e ações de Deus se dividem em ordinárias e extraordinárias, mas elas estão submetidas a uma ordem superior. Aquilo que é tido por extraordinário, o é apenas relativamente a uma ordem particular estabelecida entre as criaturas, pois quanto à ordem universal tudo está em conformidade a ela. Leibniz diz que de qualquer maneira que Deus criasse o mundo, este teria sido sempre regular e dentro de certa ordem geral (Idem). E que, os milagres são conformes à ordem geral, embora contrários às máximas subalternas, e do que Deus quer ou permite por vontade geral ou particular: “Como nada se pode fazer fora da ordem, pode-se dizer que os milagres também estão na ordem como as operações naturais, assim denominadas porque estão em conformidade com certas máximas subalternas, as quais chamamos natureza das coisas; pois pode se dizer que esta natureza é apenas um costume de Deus, do qual pode dispensar-se, por causa de uma razão mais forte do que a moveu a servir-se destas máximas” (Ididem).

Quando Leibniz propõe que o mundo possui duas ordens heterogêneas, a ordinária e a extraordinária, submetidas a uma lei mais primitiva, sua filosofia fornece um critério para compreendermos determinados mundos ficcionais. A possibilidade destes mundos está relacionada à ideia de uma ordem superior que subsume as diferentes ordens heterogêneas presentes em um mundo. Estabelece-se uma ordem natural ou regular e uma ordem

extraordinária em relação a esta ordem natural. Mas ambas devem ser submetidas a uma ordem de tipo superior. Os acontecimentos irregulares que seriam imputados a uma ordem extraordinária devem ser explicados por uma ordem de tipo superior. Podemos conceber muitos tipos de mundos onde existe uma divisão nele de dois tipos de ordem, a ordem ordinária e a ordem extraordinária, mas ambas devem estar submetidas a uma mesma noção primitiva de mundo. A heterogeneidade implica a conformidade de ambas a uma ordem de tipo superior. Por isso, Leibniz dizia que em relação às vontades gerais ou particulares poderia ser afirmado que Deus faria tudo segundo a sua vontade mais geral, conforme à mais perfeita ordem que escolheu, mas pode-se afirmar também que Ele têm vontades particulares, exceções daquelas máximas subalternas, já que em relação à mais geral das leis de Deus, reguladora de toda a série do universo, não há exceção:

Nada acontece no mundo que seja absolutamente irregular, e nem sequer tal se poderia forjar. Se alguém lança pontos ao acaso sobre o papel, seria possível encontrar uma linha geométrica cuja noção seja constante e uniforme segundo certa regra, de maneira a passar esta linha por todos estes pontos e na mesma ordem em que a mão os marca. E se alguém traçar, de uma só vez, uma linha ora reta, ora circular, ora de qualquer outra natureza, é possível encontrar a noção, regra, ou equação comum a todos os pontos desta linha, mercê da qual essas mudanças devem ocorrer. Não existe rosto algum cujo contorno não faça parte de uma linha geométrica e não possa desenharse de um só traço por certo movimento regulado. Mas, quando uma regra é muito complexa, tem-se por irregular o que lhe está conforme. Assim, pode-se dizer que, de qualquer maneira que Deus criasse o mundo, este teria sido sempre regular e dentro de certa ordem geral (Leibniz, 1993, p.41).

É por que qualquer mundo possui sempre uma ordem, que é dito que os milagres são conformes à ordem geral, embora contrários às máximas subalternas e do que Deus quer ou permite por vontade geral ou particular: “Há mais perfeição em toda a série do que se todo o mal não tivesse sucedido, por isto Deus a permite e concorre para ela por causa das leis naturais que estabeleceu e porque sabe tirar daí um bem maior” (Idem). O ordinário e extraordinário são conformes a uma ordem mais geral. Cada mundo possível possui seus próprios decretos primitivos ou leis de ordem

que lhes convém. Cada mundo é conforme a uma lei de ordem geral que determina a noção do mundo e de todas as substâncias individuais que devem fazer parte deste mundo. Cada indivíduo envolve, então, em sua noção as leis do seu mundo. Um mundo possível possui leis naturais e operações extraordinárias. Se não há mundo sem ordem, o que permite compreender a existência de leis naturais (e sua pluralidade, já que pode haver diferentes mundos com diferentes leis físicas, o que também é pressuposto por determinadas cosmologias científicas) então, como compreender a possibilidade da existência daquilo que não é conforme a elas? Diremos que uma operação extraordinária é algo não conforme à ordem e portanto, algo impossível. Se Leibniz afirma a possibilidade do extraordinário, então, este domínio constitui um determinado tipo de ordem. Não há eventos extraordinários, há eventos que são conformes a outro tipo de ordem e que serão chamados extraordinários em relação a um determinado tipo de ordem. O que existe é outro tipo de ordem que torna possível a existência de outros tipos de eventos que são ditos extraordinários em relação a uma determinada ordem tomada como referência. Como tudo deve estar em conformidade a uma ordem, não há ordinário e extraordinário, mas dois tipos de ordem. O que é dito extraordinário deve estar submetido a um tipo de lei de ordem. Tudo é gerado a partir de uma lei de ordem. Se pode haver dois tipos de eventos em um mesmo mundo, o ordinário (que pressupõe uma ordem tomada como referência) e o extraordinário (que foge a esta ordem referente) é porque pode haver duas ordens em um mesmo mundo. Há a divisão de domínios em um mundo: existem as leis da natureza e o domínio do milagroso e do extraordinário. Se tudo deve ser conforme a uma ordem para ser dito possível, então, as duas ordens devem estar em conformidade a outro tipo de ordem que as integre em um todo. Trata-se, então, da divisão do mundo em duas ordens constitutivas. Há diversos tipos de leis naturais e de eventos extraordinário e de relações entre o ordinário e o extraordinário. Esta ideia de que existe uma ordem geral que permite a existência de duas subordens será usada para pensarmos os mundos ficcionais maravilhosos.

O extraordinário se identifica ao milagroso e ao sobrenatural. Mas ele só o é, em relação a uma ordem tomada como

natural, porque em relação à ordem mais geral o que é sobrenatural é conforme a ela. Ambas as ordens tomadas em relação são submetidas a uma ordem mais geral que dá sentido à diferença entre as duas. Portanto, não há mundos sem ordem. Não há apenas diferentes tipos de ordem para diferentes tipos de mundos, mas heterogeneidade de ordens em um mundo e diversas combinações entre elas: “Tudo isso se deve entender da ordem geral, dos desígnios de Deus, da sequência desse universo, da substância individual e os milagres atuais e possíveis. Por que um outro mundo possível teria também isso à sua maneira, mesmo que os desígnios do nosso tenha sido preferidos”. Esta heterogeneidade implica a conformidade de ambas a uma ordem de tipo superior. É esta conformidade, que implica a noção de ordem complexa, que permite dizer que se trata de um mundo possível. Não há apenas diferentes tipos de ordem primitiva, mas diferentes maneiras de conjugar a heterogeneidade de subordens em um mundo. O que nos interessa são as diferentes maneiras de articular as ordens heterogêneas de um mundo.

A presença de ordens heterogêneas em um mundo configura o que podemos chamar de mundos diádicos. Aquilo que é dito sobrenatural só o é em relação a uma ordem tomada como natural, já que em relação à ordem primitiva ele é conforme a ela. A ordem natural e a ordem sobrenatural devem estar submetidas a uma ordem mais geral e primitiva que dá sentido à diferença entre ambas.

Os mundos mitológicos são exemplos de mundos que apresentam estruturas duais de validade modal². Os mundos mitológicos são mundos onde existem ordens heterogêneas ou campos de validade diferentes de possibilidades físicas. O mundo mitológico é um mundo de estrutura binária que consiste em um campo natural e outro sobrenatural. O contraste entre os dois campos se estabelece entre as modalidades físicas. Se as modalidades físicas determinam o que é possível, impossível e necessário em um mundo temos a formação de um mundo ficcional

² A discussão que segue depende muito do texto de Lubomir Dolezel “El Mundo Ficcional de Kafka” In Estudios de Poética y Teoría de La Ficción (DOLEZEL, 1999b, p. 199-224).

natural. Eles são um caso da vasta coleção de mundos fisicamente possíveis, de mundos possíveis alternativos que podem existir. Estipula-se leis físicas ao se construir o mundo ficcional e são elas que explicam os acontecimentos neste mundo. Assim, o que acontece no mundo ficcional depende do que se chama de explicação natural. Os mundos naturais são gerados por leis do mundo real ou por sua variação ou por consistência. Dentro da matriz leibniziana de ordem, todos os membros do mundo devem estar em conformidade a estas leis e não pode haver exceção nem inviolabilidade. Os mundos que violam as leis naturais, sejam as leis do mundo real e suas variações, sejam as leis físicas consistentes, serão chamados de mundos impossíveis fisicamente ou naturalmente. Eles serão os mundos sobrenaturais, e são gerados por uma redistribuição das modalidades: o que era impossível no mundo natural torna-se possível no mundo sobrenatural. Esta redistribuição implica a presença no mundo ficcional de entes impossíveis em um mundo natural, deuses, monstros, cujas ações são impossíveis para os entes naturais. Pode também aparecer indivíduos divididos que podem atuar em ambos os mundos, os heróis, por exemplo. É a redistribuição das possibilidades físicas constrói o mundo sobrenatural e sua relação com o mundo natural. Aquele é uma transformação modal deste. Já o mundo mitológico é gerado pelo compartilhamento dos domínios natural e sobrenatural. Trata-se da unificação em um único mundo ficcional de dois domínios nos quais reinam condições modais contrárias ou diferentes. Assim, é produzido um mundo diádico modalmente homogêneo. O mundo mitológico possui ordens heterogêneas que são geradas a partir de uma divisão dentro do mundo ficcional provocada pela redistribuição das modalidades, que são válidas para todos os membros do mundo. Elas são restrições impostas à totalidade do mundo, ou valem para alguns ou valem para outros, mas tomadas em conjunto uma ou outra valem para todos do mesmo sistema modal. Trata-se do estabelecimento de possibilidades e impossibilidades e de sua distribuição heterogênea. O que é impossível não é excluído, mas redistribuído. Este é o coração do mundo mitológico. Trata-se de um mundo onde existe uma combinação dos dois domínios, um entrelaçamento e uma comunicação. O mundo ficcional é, assim, palco de eventos

diádicos: que vale em um domínio não é válido em outro e vice versa, isto vale para as proibições e para o que é conhecido ou não. O que é excluído de um domínio é válido em outro. O mundo mitológico é a fonte de toda a ficção fantástica. Os domínios do mundo mitológico são diferentes modalmente e estão nitidamente demarcados. Portanto, a cosmologia mitológica é um sistema hierárquico e esta hierarquia determina a interação entre os homens e os seres sobrenaturais. A interferência no assunto dos deuses será desastroso, já o conflito não terá nenhuma possibilidade de êxito e não haverá garantia que previna a intervenção dos deuses nos assuntos humanos (sobretudo quando seus domínios sobre o mundo natural se acham limitado por algumas regras ou convenções e então as intervenções serão caprichosas, arrogantes e imprevisíveis). No mundo mitológico os homens nunca estão em lugar algum a salvo dos seres sobrenaturais. Os habitantes humanos percebem tais violações do código modal como perturbações radicais da ordem natural e como milagres. A história do mundo mitológico começa com a história da criação do mundo: o mundo natural nasce como filho do mundo sobrenatural primordial. Depois estas duas ordens são separadas e constituem uma divisão modal dentro do mesmo mundo.

O mundo maravilhoso é uma transformação do mundo mitológico. O mundo mitológico é um mundo diádico. Ele apresenta a divisão de uma mesma ordem em subordens. Não há duas ou mais noções do possível e do impossível concorrentes, mas uma mesma noção de possibilidade e impossibilidade que correspondem e se referem a domínios diferentes. Eles são diferentes dos mundos sobrenaturais ou maravilhosos porque o que acontece não pode se explicado apenas por causas sobrenaturais, há causas naturais e sobrenaturais no mundo mitológico. Nele há coabitação de duas lógicas. Mas não há no mundo mitológico uma razão conhecida e suficiente para a existência destas duas ordens e nem uma noção integradora, ou seja, nele não podemos conhecer a noção integradora das duas ordens, que coexistem, embora ela exista. O mundo mitológico é um mundo onde se desconhece qual é a noção primitiva que integra as duas lógicas, a natural e a sobrenatural. Os mundos mitológicos são mundos onde existem ordens heterogêneas ou diferentes campos de validade de possibilidades físicas sem que

possamos saber qual é a noção primitiva de ordem. O mundo mitológico é um mundo de estrutura binária, natural e sobrenatural. Ele é gerado pelo compartilhamento dos domínios natural e sobrenatural, nos quais reinam condições modais diferentes. Trata-se de um mundo diádico modalmente homogêneo cuja razão de ser é desconhecida. O mundo mitológico possui ordens heterogêneas que são geradas a partir de uma divisão dentro do mundo ficcional provocada pela redistribuição das modalidades que são válidas para todos os membros do mundo; elas são restrições impostas à totalidade do mundo disjuntivamente, ou valem para alguns ou valem para outros, mas tomadas em conjunto uma ou outra vale para um dos membros do sistema modal, como vimos. Mas não há uma noção primitiva de ordem conhecida. Trata-se do estabelecimento de possibilidades e impossibilidades e de sua distribuição heterogênea sem que se apresente a lei desta distribuição. Aquilo que é tido como impossível não excluído, mas redistribuído e convive com o outro domínio sem que possamos compreender a razão dessa convivência. Ela é inexplicável, embora seja em princípio explicável, já que não existem mundos sem ordens primitivas e gerais. O mundo maravilhoso também apresenta validades heterogêneas, mas nele, elas podem ser explicadas. Caso haja uma hesitação entre uma explicação natural e outra, sobrenatural teremos um mundo fantástico. Mas, se a ordem geral deve ser buscada na regularidade natural ou no sobrenatural, que a partir de agora, na esteira do leibnizianismo, em uma regularidade sobrenatural, teremos ou um mundo natural ou um mundo maravilhoso. O mundo fantástico é um mundo onde a macroestrutura é construída de modo a problematizar cognitivamente e modalmente a existência ou não de eventos sobrenaturais ou extraordinários. Mas se optarmos por uma explicação sobrenatural tratar-se-á de um mundo maravilhoso. O que seria um mundo ficcional enquanto macroestrutura de mundo maravilhoso, enquanto conceito de ordem geral interna de um mundo?

Há muitos tipos de mundos maravilhosos: o maravilhoso absurdo ou irracional, o exótico, o instrumental, o científico, o hiperbólico, o maravilhoso puro, o maravilhoso verossímil, o mágico, o cristão... (Todorov, 1975, p.47-63). O que constitui um

mundo maravilhoso em geral é a existência de um domínio sobrenatural como referência de sentido ou referência explicativa para os eventos que não podem ser explicados naturalmente e que provocam uma ruptura com aquilo que é tomado como ordem natural. Segundo Todorov (Idem) dado um evento ou ele será chamado de estranho, ou promoverá a suspensão do juízo, que é a hesitação própria do fantástico, de problematização do possível e do impossível em relação ao fato e a dúvida cognitiva (se se trata de algo real, imaginário ou ilusório) e a saída ou será dada pela explicação natural ou pelo sobrenatural. Quando ocorrem eventos que não podem ser explicados pela existência de leis naturais, mas podem ser explicados por outros tipos de leis não naturais, estamos em presença de mundos maravilhosos verossímeis. De uma maneira geral o mundo maravilhoso é aquele cuja ordem mais primitiva é chamada de sobrenatural. O que integra e dá sentido às duas ordens é a lógica do sobrenatural. Ela se torna a macroordem explicativa do mundo ficcional. O sobrenatural é a macroestrutura de ordem do mundo ficcional que explica a existência da estrutura de ordem natural e a presença da ordem sobrenatural. Se na heterogeneidade de mundo de cunho leibniziana temos duas subordens integradas em uma ordem mais primitiva, e se em um mundo natural é a ordem natural que explica o sobrenatural, no mundo sobrenatural de tipo maravilhoso é a ordem sobrenatural que explica o natural. Mas o que é o sobrenatural?

O sobrenatural será o domínio do desvio como regra. No mundo sobrenatural não há regularidade aparentemente. A regularidade é não haver regularidade. É aonde tudo pode acontecer. Chamaremos este mundo onde não existe impossibilidade alguma, de mundo maravilhoso puro. Mas este tipo de mundo gera um domínio natural porque a irregularidade se constitui como regra. Se tudo é possível, então, também é possível que em algum momento haja uma “natureza”, e também porque se a cada vez é cada vez, então, há pelo menos uma regra, a cada vez é cada vez. No mundo natural a regra gera a exceção, no mundo sobrenatural, a exceção gera a regra. Mas o comportamento regrado do mundo natural só pode ser reconhecido como tal porque há coisas que aparentemente não seguem as regras. A regra do mundo maravilhoso é a cada vez outra coisa. Mas só pode haver esta

percepção porque os entes repetem tal comportamento. A razão de ser do mundo natural é a regularidade, a razão de ser do mundo maravilhoso é a irregularidade, mas ambos têm como fundo de si mesmos o outro. Ambos geram regularidades e irregularidades como constitutivos de si mesmas. Mas um deles parte da regularidade e outro, da irregularidade. Assim, opomos o natural e o maravilhoso puros como noções de ordem mais primitivas de mundos. O mundo maravilhoso puro gera e dá sentido ao domínio natural. Nele podem existir também eventos naturais como no mundo mitológico, mas o que integra e dá sentido às duas ordens é a lógica do sobrenatural, como macroestrutura explicativa do possível e do impossível: a cada vez outra coisa.

Enquanto macroestrutura primitiva de mundo, o maravilhoso, considera a natureza como uma das manifestações do sobrenatural. Há uma causa sobrenatural que explica a presença de uma causa natural. No caso do maravilhoso puro tudo gira em torno do sobrenatural e neste caso o extraordinário adquire uma naturalidade no contexto da narração, o que torna o sobrenatural “naturalizado”. Os eventos sobrenaturais relatados se justificam em consonância com a própria estrutura interna das narrativas, fazendo com que, dentro da trama e da lógica internas, esse mesmo sobrenatural pareça “ordinário”. Os eventos maravilhosos produzem uma espécie de naturalidade com a realização do impossível. As forças sobrenaturais que habitam o mundo adquirem um aspecto natural. O mundo maravilhoso é a atmosfera onde tudo é possível. Tudo pode acontecer perfeitamente integrado ao cotidiano e sem provocar nenhum estranhamento, porque acompanhados de uma lógica interna. O maravilhoso lida com o impossível tornando-o plausível. Trata-se de uma realidade que abre caminho para todas as possibilidades. Isto será chamado de maravilhoso puro. No caso, o sobrenatural se desenrola no interior da narrativa, conforme uma lógica natural, isto é, ele se integra à cena sem causar estranhamento, enquanto que no fantástico este mesmo sobrenatural cria um clima de mistério. O mundo maravilhoso é aquele que admite novas leis não físicas que regem os fenômenos. De um modo geral uma lei física é algo que diz acerca da interação de uma força por meio de uma fórmula matemática. Já o sobrenatural verossímil é aquele aonde ocorre a “naturalização” do

sobrenatural, naturalização esta que será construída e não dada de saída. Será necessária a construção de uma lógica do sobrenatural. O mundo maravilhoso verossímil é aquele que constrói um clima do possível já que no maravilhoso puro este possível ‘impossível’ está dado “naturalmente”. No maravilhoso verossímil é preciso que o sobrenatural se torne natureza. Ele não está dado de saída pela lógica narrativa, mas deverá ser construído pela lógica narrativa. É preciso que haja uma coerência e a construção na narrativa de uma consistência interna para os eventos. A plausibilidade do impossível ou a explicação sobrenatural verossímil será construída narrativamente a partir de uma consistência interna que fornecerá coerência aos eventos. Já no maravilhoso puro tudo pode acontecer perfeitamente integrado ao cotidiano e sem provocar nenhum estranhamento, porque acompanhado de uma lógica interna na própria narrativa que o transforma em um mundo “natural”. No maravilhoso verossímil os acontecimentos não podem ser explicados pelas leis da natureza tais como são conhecidas. Então, trata-se de uma realidade regida por outra lógica que subverte as leis físicas abrindo caminho para outras possibilidades não físicas. Se no maravilhoso puro, o sobrenatural é inserido com naturalidade no contexto narrativo sem causar nenhum estranhamento, no fantástico maravilhoso há a presença de um evento que não pode ser explicado pelas leis da natureza tais como são conhecidas, por isso se pressupõe outras leis que não são físicas (ou será que existem leis que simplesmente não conhecemos e por isso são consideradas sobrenaturais?). O mundo maravilhoso puro é uma determinada concepção do impossível, uma determinada lei de ordem de mundo que preconiza que o impossível é a regra e que ele gera os possíveis físicos. No maravilhoso verossímil deve aparecer uma regra que dá sentido aos eventos não físicos. Não há, portanto, mundo maravilhoso puro. De qualquer maneira, mostramos que o maravilhoso não é um gênero literário, mas uma macroestrutura modal ou noção primitiva de mundo que configura um determinado tipo de mundo ficcional possível: aquele que parte de leis não físicas para gerar o que costumeiramente é chamado de natureza.

Artigo recebido em 24.07.2013, aprovado em 23.01.2014

Referências

- BAUMGARTEN, A. G. *Estética – A lógica da Arte e do Poema*. Tradução de Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis:Vozes, 1993.
- DOLEZEL, Lubomir. *Heterocosmica: Ficción y mundos posibles*. Trad. Félix Rodríguez. Madrid: Arcos Livros, 1999 (a).
- _____. *Estudios de Poética y Teoría de La Ficción*. Proólogo de T. Pavel. Tradu. Joaquin Martinez Lorente. Murcia: Universidad de Murcia, 1999(b).
- LEIBNIZ, G. *Discours de Metaphysique et correspondance avec Arnauld*. Introduction, textes et commentaire par G. Le Roy. Paris: Vrin, 1993.
- TODOROV. T. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. Ed. Perspectiva: Rio de Janeiro, 1975.

